

Afinal!

31 OUT 1989

Azambuja Leal

Depois de "fazer cera" e negacear por dois artigos, eis-nos, finalmente, caro leitor, mergulhados no cerne hermético e catastrófico da questão: os famosos M1, M2 e M3, medidas esotéricas utilizadas pelos economistas para tentar avaliar a quantidade de moeda existente em circulação.

Em circulação, é modo de dizer. Isto era fisicamente correto no tempo em que as moedas eram circulares, tinham formato de circunferência, imitavam rodinhas e, de fato, podiam rodar e "circular". Um pedaço de papel, plano e chato, como são as notas impressas, não roda nem circula — no máximo escorega, de onde a exatidão da expressão coloquial: "escorega uma nota aí para mim". As moedinhas redondas, por sua vez, embora possam, de há muito pararam de rodar. Mal entram em circulação, a primeira coisa que a gente faz ao chegar da rua é pô-las fora de circulação, descarregando-as nos cofres dos netinhos. E há sinistras organizações que trabalham no atacado, conspirando para impedi-las de circular, de tal forma que mal o Banco Central cunha essas rodinhas, elas as derretem para transformar em dinheiro o peso do metal que elas representam, porque o dinheiro delas é nenhum. Assim, é discutível que a moeda, que antigamente representava a forma mais autêntica do dinheiro (pense-se na libra e no Luís de ouro, ou até mesmo no plebeu dólar de prata), hoje mereça ser chamada de dinheiro ou de moeda.

Ainda assim, a moeda de metal e a nota de papel, apesar de terem se tornado arcaicas e de haverem perdido sua hegemonia diante das inúmeras formas de moeda que se inventaram, continuam sendo a forma mais concreta, visível e reconhecida de dinheiro. Concorrendo com elas, surgiram moedas abstratas, escriturais, computadorizadas e até ectoplásmicas, algumas das quais não se vê, não se cheira, nem se pode pegar, mas servem, como o dinheiro, para pagar contas, fazer reservas, jogar na Bolsa, fazer compras, passar calotes, exportar inflação, participar do narcotráfico etc. que tal. Enfim, que fazem tudo que o dinheiro faz, e até melhor.

Entre elas se encontram o crédito bancário, o cartão de crédito, o cheque pós e pré-datado, a promissória, a duplicata, o dólar e o "pindura", para não se mencionar as dezenas de outras que hoje lotam a primeira página de economia dos jornais e qualquer um pode ver sem precisar ler este artigo. Para quem duvida de que tudo isso é dinheiro e moeda, lembre-se o leitor de quando passa num boteco, toma umas e outras, e em lugar de puxar dinheiro diz para o dono: "Pindura isso aí..." Ou do cara que entra numa loja Cartier, adquire um conjunto, e na hora de pagar saca um cartão de crédito e diz: "Debita na minha conta". Não se vai chegar a ponto de falecido pão-duro, que na hora de gratificar o garçom, em lugar de uma nota botou uma pedra de gelo na mão dele, dizendo: "Toma, para você tomar um uísque..." Mas é evidente que se pode passar por dinheiro um cheque com ou sem fundos, e que todos os banqueiros que dizem emprestar dinheiro nada mais

fazem que abrir um crédito e escriturar uma conta. Se o leitor duvida e quer tirar o dinheiro do empréstimo, que experimente. O máximo que pode fazer é sacar contra a conta, depois dos descontos na cabeça. Sim, na cabeça, sim senhor.

De uma forma ou de outra, em toda economia monetária desenvolvida uns e outros acabam descobrindo que o melhor jeito de ganhar dinheiro fácil é fabricá-lo. Evidentemente, falsários e gatunos já haviam descoberto isso há muito tempo, não antes, porém, dos governantes de todas as épocas. Agora, o desbunde mesmo se deu quando a essa consciência por assim dizer inata, senão genética dos políticos, se acoplou à tecnologia tecnocrática dos economistas, encarregados de fabricar receitas para pagar as despesas daqueles.

E é aqui que entram os M1, M2 e M3. — "Est modus in rebus", diz um severo ditado latino, exprimindo que há uma medida para todas as coisas, dito que alguns irreverentes traduzem gaiatamente por: "tenhas modo com o rabo". Dá no mesmo. Muito preocupados com a chamada "massa monetária" ou "meio circulante" despejado no mercado, esses senhores criaram complexas medidas para verificar até que ponto o mercado emite dinheiro e até que ponto eles podem emití-lo. Moeda continua a ser moeda. Dinheiro continua a ser dinheiro, é o que se fabrica na Casa da Moeda e o Banco Central despeja na circulação. Com isso se aumentam os "meios de pagamento" (os M1, M2, M3), se esquentam a economia, se estimula o consumismo, os preços sobem, a moeda se desvaloriza, joga-se gasolina e pólvora na fogueira da inflação.

O cidadão particular pode não se dar conta disso. Mas quem mais paga é o Estado, que é o maior gastalhão e o maior pagalhão. Então, o político apostegma o economista, geralmente um ministro da Fazenda: "Controle-se a inflação". E não me venha com cortes de verbas e gastos: ou para que serve um economista se nem sabe arranjar dinheiro para os mordomias, as aposentadorias múltiplas e precoces, as isenções e outras imprescritíveis, inalienáveis e irredutíveis necessidades políticas? Daí a invenção de outros tipos de dinheiro e moeda, porque todo o mundo bota o olho nas da Casa da Moeda, responsável pela inflação.

Não acredito que nenhum economista da atualidade seja capaz de dizer quantas moedas os economistas que passaram pelo Ministério da Fazenda já inventaram para receber ou deixar de pagar alguma coisa para os cidadãos. Há uma moeda para os aposentados, outra para os exportadores, outra para os assalariados, outra para os investidores. Uma para cada desigual dos cidadãos iguais. E cada cidadão está tratando de inventar a sua para receber e pagar.

Quanto ao M1, o M2 e o M3, certamente o leitor já percebeu que não querem dizer nada, razão pela qual não vamos gastar espaço de jornal com eles para maiores explicações.

Azambuja Leal é jornalista